

Do viralatismo à crítica engajada: a ambivalência nas crônicas de Juca Kfourri em tempos de megaeventos esportivos¹

From the “Street dog Syndrome” to engaged criticism: ambivalence in Juca Kfourri’s sport articles in times of major sporting events

Euclides de Freitas Couto

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, Minas Gerais / Brasil

euclides@ufsj.edu.br

Alan Castellano Valente

Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

alan.valente@prof.una.br

Resumo: Este texto trata da ambivalência presente nas crônicas de autoria de Juca Kfourri, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, nos períodos de cobertura jornalística dos megaeventos esportivos realizados no Brasil nos anos de 2014 (Copa do Mundo – FIFA) e 2016 (Jogos Olímpicos). Tentamos demonstrar, por meio da análise do conjunto das publicações, que a perspectiva analítica do autor transita entre os pressupostos da mestiçagem difundidos por Gilberto Freyre na década de 1930 e do jornalismo engajado das esquerdas.

Palavras-chave: crônica esportiva; nacionalismo; Juca Kfourri; ambivalência.

¹ Pesquisa realizada com o apoio financeiro do CNPq.

Abstract: This text deals with the ambivalence in Juca Kfouri's sport articles, published in *Folha de S. Paulo*, in periods of media coverage of major sporting events held in Brazil: the 2014 FIFA World Cup and the 2016 Olympic Games. We demonstrate that Kfouri's point of view oscillates between Gilberto Freyre's 1930 tenets on miscegenation and the left-wing engaged journalism.

Keywords: sports articles; nationalism; Juca Kfouri; ambivalence.

Recebido em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.

[...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.²

Publicada por Gilberto Freyre após a vitória da seleção brasileira de futebol sobre a Checoslováquia, em partida válida pela Copa do Mundo de 1938, "*Foot-ball* mulato" se tornou, na crônica esportiva, um dos ícones do mito da brasilidade. Embora o texto esteja contaminado pela euforia do autor no momento, já que foi redigido após uma vitória dramática no tempo de prorrogação sobre um adversário fortíssimo, suas linhas revelam, com detalhismo, a construção da "dialética da malandragem" que se incorporava ao estilo de jogo brasileiro. Nessa formulação, de fundo essencialista, a articulação dos traços prototípicos

² FREYRE. *Foot-ball* mulato.

do herói macunaímico à perícia corporal do mulato confere ao mestiço brasileiro poderes capazes de subverter a estética do jogo inventado pelos ingleses, tornando-o mais belo e adaptado aos trópicos. Munidos de um repertório infindável de dribles e improvisações, os brasileiros estariam prontos para parear forças com o jogo frio e calculista dos europeus.

Ademais, o que está latente nessas linhas é o projeto de nação a favor do qual o autor militava: a superação das mazelas históricas (o passado escravocrata e a consequente formação de uma raça “inferior”), conduzidas pelas forças sobrenaturais e telúricas da miscigenação. A virada cultural arquitetada por Freyre dependia dos intelectuais daquela geração: uma vez que os interesses ideológicos dos homens das letras iam ao encontro da política estado-novista, estava aberto o caminho para a aproximação entre a intelectualidade e o povo. A linguagem acessível da música, da dança e do futebol fornecia o arsenal simbólico para que a sociedade compartilhasse tradições, ritos e emoções, canalizando-as em direção ao projeto de nacionalidade que se erguia.

Por mais hiperbólicas que fossem as formulações freyrianas, elas ganharam eco entre cronistas e jornalistas e, simultaneamente ao desenvolvimento do rádio esportivo e do alargamento social do campo futebolístico ao longo da segunda metade do século XX, se enraizaram profundamente no imaginário social, assumindo formas discursivas simplificadas, conhecidas como “freyrismo popular”. A internalização do mito nacional pelas pessoas comuns se deve, essencialmente, ao fato de que seu corpo discursivo ocupa o terreno das sensibilidades afetivas pessoais. Nesse caso, a tradição só se reproduz se os anseios individuais coincidirem com os interesses públicos.³ Em sintonia direta com uma suposta *hexis* corporal do brasileiro, a exaltação de um estilo singular de jogar futebol, formulada nos anos de 1930, parece ter encontrado no terreno do lúdico as condições necessárias para cimentar as bases da solidariedade coletiva, tão rarefeita desde os tempos da independência.

No horizonte da hipótese levantada por Antônio Jorge Soares de que “tais reproduções representam, em certo sentido, a continuidade da tradição freyriana na interpretação da cultura”,⁴ no percurso deste texto buscaremos demonstrar o alcance e os limites desta interpretação.

³ Sobre essa teoria, cf. SOUZA. A construção do mito da brasilidade, p. 34.

⁴ SOARES. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre, p. 146.

Movendo-nos no espaço simbólico em que se constitui a relação de homologia entre os campos do futebol e da cultura política,⁵ visamos ampliar o debate sobre o conteúdo das crônicas esportivas contemporâneas. O objetivo é demonstrar a ambivalência presente no corpo discursivo desses textos, tomando como foco aqueles publicados pelo jornalista Juca Kfourri.

Aqui, tratamos a crônica esportiva como um gênero híbrido, ou seja, que poderia transformar fatos em ficção ou mesmo o contrário – utilizar personagens fictícios para compor uma narrativa que tem como referência o cotidiano do público a que ela se destina –, sem deixar de lado a perspectiva do tempo, afinal, a palavra crônica é derivada do latim *chronica* e do grego *khronos* (tempo). No caso das crônicas analisadas, é possível perceber o tom opinativo do autor, com viés de ironia e bom humor, o que nos leva mais uma vez ao caráter híbrido do gênero: nem tanto jornalismo argumentativo e opinativo, nem tanto literatura, mas de tudo um pouco. O texto de Juca Kfourri enquadra-se nesse hibridismo, como bem definiu uma vez o maior de nossos cronistas, Rubem Braga, quando inquirido a definir o gênero: “Quando não é aguda, é crônica.” Dos textos de Kfourri trataremos do seu lado agudo tanto quanto do crônico, bem como de suas recaídas freyrianas.

Assim, observamos com atenção os discursos sobre a nação que abarcam o estilo de jogo brasileiro, as características psicológicas e as habilidades esportivas dos futebolistas, mobilizados recorrentemente pelo cronista em foco aqui e por outros em tempos de megaeventos esportivos. Isso nos ofereceu um rico material para compreender as estratégias discursivas pelas quais o mito nacional é reavivado pela crônica esportiva e apropriado pela sociedade, visto que esse mito fornece ao imaginário social o repertório simbólico que abastece as dramatizações do sentimento nacionalista.

Para atender aos propósitos dessa tarefa, o *corpus* documental cotejado agrupou crônicas veiculadas no jornal *Folha de S. Paulo* nos períodos de disputa da Copa do Mundo da FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, quando, inevitavelmente, o tema da identidade nacional assumiu destaque na crônica esportiva brasileira. A seleção dos textos de Juca Kfourri decorreu da sua popularidade e do seu *status*

⁵ Cf. DAMO. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas por reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro, p. 30.

alçados no campo jornalístico. Embora sua produção escrita esteja diluída em diversos espaços midiáticos, os textos veiculados na *Folha S. Paulo* possuem a regularidade e o enquadramento no formato jornalístico necessários à sua avaliação nesse campo.

Entre um vira-lata e outro, o show tem de continuar...

Como já anunciado, presenciamos, desde os tempos do Estado Novo, uma conjugação de esforços empreendidos pelo Estado, por intelectuais, radialistas esportivos e jornalistas que visava integrar o *futebol espetáculo* ao sentimento de nacionalidade, que se formulava a partir dos pressupostos da *mestiçagem*. Difundido nas obras de Gilberto Freyre, especialmente em *Casa-grande & senzala*, o mito nacional, ancorado no discurso da mestiçagem, ganhou coro entre os jornalistas da época. Nas crônicas assinadas por Mário Filho, percebemos, explicitamente, a sintonia dos seus argumentos com o pensamento de Gilberto Freyre, com quem, a propósito, mantinha uma relação de amizade. Na obra de Mário Filho, os componentes da mestiçagem abasteciam os textos veiculados em jornais ao longo das décadas de 1920/30 e, posteriormente, sua obra-prima: *O negro no futebol brasileiro*, publicada pela primeira vez em 1947, e que seria reeditada em versão ampliada, em 1964. Atualmente, sua produção é objeto de intenso debate intelectual: nota-se, de forma genérica, que as críticas, formuladas por historiadores, são direcionadas à constatação de que sua obra superdimensiona os atributos da racialidade, destinando ao futebol a função de equilibrar as tensões sociorraciais no Brasil. Ao constatarem o caráter instrumental da sua produção literária, que estaria diretamente associada às diretrizes da política cultural varguista, a maioria dos seus críticos o considera um dos “intelectuais orgânicos” do Estado Novo. No outro polo, entre os intelectuais vinculados à tradição culturalista,⁶ a obra de Mário Filho é situada na vanguarda da literatura esportiva brasileira, pois, além de representar a renovação estética e conceitual da crônica futebolística, seus textos – abastecidos por relatos orais, tornaram-se paradigmáticos para a apreensão da história do futebol brasileiro – ao incorporar elementos ficcionais a essa realidade.

⁶ Entre eles podemos citar: LOPES. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro; SILVA. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho.

Nesse universo dialógico e conflitante do qual emergiu a crônica esportiva brasileira, o “mito fundador” da tradição freyriana, explorado exaustivamente pelos estudiosos, encontra-se reproduzido nas obras de Mário Filho, de seu irmão Nelson Rodrigues, nas crônicas de José Lins do Rego como também em alguns dos poucos textos futebolísticos assinados pelo próprio Gilberto Freyre.

Conforme demonstrado alhures,⁷ a crônica esportiva especializada, como também aqueles intelectuais que esporadicamente são convidados a escrever nas páginas esportivas, cada qual à sua maneira, se apropriam do arsenal simbólico freyriano, transformando os períodos que cercam as Copas do Mundo em momentos de plena exaltação nacionalista.⁸ As narrativas produzidas pela grande imprensa, especialmente aquelas publicadas nos períodos dos megaeventos esportivos, constituem, atualmente, importante manancial de fontes históricas, visto que promovem a exaltação da nacionalidade, tomando como pano de fundo a *performance* esportiva, o cenário político nacional e eventos circunstanciais que, no Brasil, de modo particular, estimulam as releituras freyrianas sobre a nação.⁹

Com efeito, essas constatações são amplamente potencializadas quando nos deparamos com a cobertura jornalística da Copa do Mundo FIFA de 2014, considerada pelo historiador Flávio de Campos “a Copa da política em um país do futebol”.¹⁰ Um ano antes do início do mundial, às vésperas da Copa das Confederações, o evento teste realizado no país-sede da Copa do Mundo, as ruas brasileiras foram tomadas por manifestações expressivas que, embora tenham sido desencadeadas pelo aumento das tarifas do transporte público em algumas capitais, foram engrossadas por uma pauta extensa e difusa de demandas sociais represadas que, notadamente, se valeram da exposição midiática do

⁷ COUTO. *Da ditadura à ditadura*: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978).

⁸ A exceção a essa regra ocorreu nas décadas 1960 e 1970, quando intelectuais filiados à tradição marxista elegeram o futebol espetáculo como um dos instrumentos de alienação das massas, uma vez que seu capital simbólico estaria a serviço dos grupos hegemônicos. Publicadas em jornais alternativos, essas críticas constituíram-se em um contraponto à interpretação culturalista (COUTO. *Da ditadura à ditadura*: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978), p. 118).

⁹ DAMATTA. *Esporte na sociedade*: um ensaio sobre o futebol brasileiro.

¹⁰ CAMPOS. A Copa da política em um país do futebol.

megaevento esportivo para exteriorizar os descontentamentos com os governantes e, especialmente, com o modelo de gestão de recursos públicos em voga no país. Munidos de *slogans* como “Copa para quem?”, “Queremos saúde / educação / segurança padrão FIFA”, os manifestantes, oriundos de diversos segmentos sociais, colocaram em xeque a agenda de prioridades do governo diante dos excessivos gastos com a realização da Copa do Mundo, um evento promovido por uma entidade com fins lucrativos, mas que demanda investimentos públicos.¹¹

Em meio às vaias direcionadas à presidenta do país no jogo de abertura da competição e ao clima de polarização que contagiou a cobertura midiática do megaevento esportivo, notadamente, a grande imprensa se posicionou de forma ambígua: ora ressaltando o discurso falacioso do “legado” da Copa do Mundo para o futuro do país, ora criticando o atraso no cronograma, a precariedade e o superfaturamento das obras de infraestrutura destinadas à realização da competição.¹²

O clima de ceticismo e revolta relacionado ao gasto de recursos públicos com a Copa de 2014, materializado nas manifestações de junho de 2013, parece ter sido canalizado pela imprensa no sentido de desgastar a imagem do Governo Federal, enquanto buscava-se salvaguardar o interesse popular pelo evento esportivo, cujo sucesso estaria relacionado aos propósitos econômicos de diversos agentes, especialmente aos das próprias empresas de comunicação.

Dessa forma, a Copa de 2014 marcou também o entrelaçamento das agendas política e esportiva cujos desdobramentos levaram a grande imprensa a emitir posicionamentos dúbios; os cronistas parecem ter assimilado o agenciamento que envolveu os megaeventos e seus *players*. O melhor exemplo dessa ambivalência presente na crônica esportiva contemporânea pode ser aferido nos textos do jornalista Juca Kfourri. Conhecido por sua militância à esquerda, desde a época em que era ativista político na Aliança Libertadora Nacional (ALN), nos tempos de luta contra a ditadura militar, é considerado um dos mais eficientes e reconhecidos intérpretes do jornalismo investigativo e esportivo.¹³

¹¹ Uma análise acurada sobre o entrelaçamento dos interesses entre a FIFA e os governos dos países-sede das Copas do Mundo foi realizada por Arlei Damo, em “O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil”.

¹² Cf. MARTÍ. Opinião: na festa de abertura da Copa, prevalece sensação de obra inacabada.

¹³ Cf. ALENCAR. Juca Kfourri: o militante da notícia.

Sua produção jornalística iniciada há mais de 40 anos é amplamente reconhecida pela seriedade e pela qualidade, visto que suas crônicas revelam acuidade crítica sobre as diferentes dimensões que envolvem o futebol. Atualmente, Kfourri é um jornalista multimídia: é colunista da *Folha de S. Paulo*, na qual publica duas vezes por semana, mantém um *blog*, possui um programa na rádio CBN e é um dos jornalistas âncora do canal ESPN, no qual participa de diversos programas televisivos. Nos últimos anos, Kfourri vem colecionando uma série de reportagens investigativas que, em sua maioria, denunciam esquemas de corrupção envolvendo dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Em decorrência da sua trajetória de luta contra os grupos hegemônicos que comandam as estruturas de poder e também o futebol no país, nota-se que, em muitos momentos, o jornalista se vê em posição desconfortável para publicar suas análises, uma vez que elas podem levantar suspeição sobre a legitimidade das competições, das arbitragens e até ferir a idoneidade dos futebolistas, como ocorreu no episódio da “máfia da loteria esportiva”.¹⁴

Se considerarmos os fundamentos do raciocínio praxiológico desenvolvidos por Pierre Bourdieu,¹⁵ é possível conjecturar que a deslegitimação do campo futebolístico na sociedade levaria à ruína todos os agentes que o conformam, inclusive a própria imprensa esportiva. A manutenção econômica do futebol espetáculo, depende, entre outros aspectos, do engajamento incondicional dos clubes, dos atletas e, sobretudo, da credibilidade das instâncias administrativas e da participação das empresas de comunicação. Assim, no universo das crônicas, Kfourri é também um agente ambivalente, que milita e que possui, portanto, compromissos tácitos nas disputas simbólicas com os demais agentes. Embora ele seja considerado voz dissonante na imprensa esportiva, sua luta por reconhecimento e por credibilidade no interior do campo jornalístico, necessariamente, interfere na sua produção escrita, cujo teor, circunstancialmente, é direcionado pela agenda midiática.

Durante a Copa do Mundo de 2014, entre os meses de maio e agosto, foram publicadas por Kfourri, na versão *on-line* da *Folha*, um total de 98 crônicas, das quais 50 abordavam temáticas relacionadas à seleção brasileira. Entre os temas mais recorrentes, estão as críticas direcionadas

¹⁴ ALENCAR. *Juca Kfourri*: o militante da notícia.

¹⁵ Sobre a análise praxiológica da realidade social e a formulação do conceito de campo, cf. BOURDIEU. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação.

à CBF, ao desempenho técnico dos jogadores, ao sistema tático adotado pelo treinador e às possíveis causas para o fracasso da seleção no mundial. Nada muito diferente dos outros cronistas de plantão, que primavam por resguardar a imprensa dos fracassos do nosso futebol, atribuindo os problemas da seleção a instâncias particulares e conjunturais: falta de treino, falta de tempo para assimilação da “filosofia” dos treinadores, calendários muito apertados etc. O circo midiático tentaria a todo custo reforçar a identidade desgastada da brasilidade futebolística. No entanto, ao se observar a cronologia das publicações, nota-se que, com a aproximação do início da competição, o tom crítico que preponderava nas argumentações do mês de maio deu lugar à inclusão de temas como a dimensão técnica e aos apelos nacionalistas. Nesse sentido, é emblemática a crônica “Torcer ou não torcer”, publicada no dia 5 de junho de 2014, uma semana antes do início da competição.

Imagino que já tenha contado aqui o que contarei de novo. Corria o ano de chumbo de 1970 e a seleção brasileira enfrentaria a romena pela Copa do México, em Guadalajara, à noite no horário daqui. Eu cursava ciências sociais na USP e dois dias antes do jogo o professor de Sociologia, inigualável mestre Gabriel Cohn, marcou uma prova que coincidiria com o jogo. Levantei o braço e reclamei, com todo respeito. A classe inteira me vaiou. Democrático, o professor criticou a vaia e levou a decisão de adiar o teste a voto. Naquela noite me dei conta que minha classe tinha 21 alunos: foi 20 a 1 pela manutenção da sabatina. [...] O final da história todos sabem: a seleção ganhou o tri, trouxe a Jules Rimet definitivamente para o Brasil e a História registra que os heróis da conquista foram Pelé, Tostão, Gerson, Rivellino, Jairzinho e não o general de plantão, Garrastazu Médici, o da tortura. Doze anos mais tarde, com o país no caminho da redemocratização, num reencontro com o mestre, ouvi dele a frase que mais gosto de repetir: Não acredito em sociólogo no Brasil que não tenha as calças puídas pelas arquibancadas. Lá atrás, como agora, politizar a torcida na Copa do Mundo, mais que bobagem, é inútil. Porque no primeiro gol brasileiro a emoção suplantar qualquer cálculo, como então. Ainda bem.¹⁶

¹⁶ KFOURI. Torcer ou não torcer.

Ao rememorar seus tempos de estudante, Kfoury recorre a uma situação-limite, ocorrida às vésperas de um jogo da Copa de 1970. Naquela época, entre os militantes de esquerda – maioria absoluta entre seus colegas do Curso de Ciências Sociais da USP – a seleção de Pelé e companhia era vinculada aos símbolos do poder ditatorial. Assim, entre o conjunto de códigos do repertório simbólico da “juventude engajada”, o ato de torcer para a seleção representaria, no mínimo, um ato de alienação. A despeito do seu engajamento político, a batalha travada com os colegas para assistir ao jogo do escrete brasileiro representaria seu amor incondicional às cores nacionais encarnadas pela seleção. Na estrutura latente da crônica, a percepção daqueles que, assim como ele, indignaram-se contra a corrupção da CBF e opuseram-se à realização da Copa no Brasil, deveria superar a frieza do mundo empírico e, como num ritual agonístico e mimético, em que a fidelidade coletiva à nação supera a racionalidade das ideologias, o povo deveria apoiar seus onze representantes.

No entanto, o furor nacionalista rapidamente perdeu fôlego: após o fatídico jogo da semifinal da Copa, quando a seleção brasileira foi goleada por 7 a 1 pelos alemães, os apelos ufanistas se esmoreceram completamente, cedendo lugar às costumeiras críticas à CBF, regadas com muita ironia:

Alois Alzheimer era alemão, como Müller, Klose, Kroos, Khedira e Schürrle. Não era jogador de futebol como os autores dos sete gols alemães na semifinal da Copa do Mundo no Brasil. Era psiquiatra e descobridor da terrível doença neurodegenerativa, causadora do apagão (lembra de já ter ouvido o termo recentemente?) da memória. A doença tem o nome de quem a identificou pela primeira vez e a cartolagem da CBF adoraria vê-la contaminar o Brasil para o país esquecer a goleada. Até convocar Dunga a pretensa esperteza da dupla *Marin\$Nero* convocou, certa de despertar rejeição e eventuais escândalos para sair de cena de fininho. Pois não sairá. Se Marin foi praticamente invisível durante a Copa, apesar de trajar chamativa gravata amarela – imitação de Paulo Machado de Carvalho e sua gravata marrom do bicampeonato mundial –, nem por isso assim permanecerá no pós-Copa. Nem ele nem Nero. A goleada germânica impediu a criação de nova história sobre gravatas e superstições e permitiu apontar

os responsáveis pela humilhação. Marin prometeu ir ao inferno em caso de derrota e não cumpriu. Cumprirá a nós, sobreviventes e testemunhas da catástrofe, lembrar sempre dele e de seu parceiro Nero – este, não satisfeito em reduzir o futebol do interior paulista a cinzas vai em busca de botar fogo também no futebol brasileiro.¹⁷

O humor político, traço marcante da crônica kfouriana, caracteriza-se, entre outros aspectos, pela ironia, ridicularização e zombaria, estratégias que visam, simultaneamente, denunciar os desmandos e as fraudes, como também deteriorar a imagem pública dos poderosos. Observe-se o sinal do cifrão entre os nomes dos dirigentes. Isso nos leva a entender que a dupla citada é pautada somente por interesses econômicos, diferentemente dos interesses da nação verde-amarela, que vislumbrava mais uma Copa de glórias. Em função do fracasso do futebol brasileiro em 2014, a dupla José Maria Marin e Marco Polo del Nero, respectivamente, presidente e vice da CBF, sofreu reiteradas críticas por grande parcela da mídia nacional. Kfour, por sua vez, que havia formulado as primeiras denúncias sobre a conduta de Marin, em 2012, quando ele assumiu o cargo de Ricardo Teixeira na presidência da entidade, ao longo de 2014, não poupou esforços no sentido de publicizar as falcatruas e a corrupção que permeavam os bastidores da cena futebolística brasileira.

Nesse contexto, o período de “trégua” à CBF, demarcado nas crônicas kfourianas publicadas nos dias em que se realizaram os jogos da Copa do Mundo, evidencia que, contraditoriamente, o maior evento do futebol mundial organizado pela CBF, alvo de interesses políticos e econômicos da mídia brasileira, deveria ser preservado em nome do clima de confraternização e do apelo à esportividade que o evento alentava.

Em 2016, quando se realizaram os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, as turbulências no cenário político que levaram à polarização da sociedade também afetaram a cobertura midiática do megaevento. Genericamente, ao contrário do que havia ocorrido há dois anos, a grande mídia procurou supervalorizar as obras de infraestrutura e o trabalho de organização dos jogos. Em decorrência do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, conduzido por um golpe arquitetado nos bastidores políticos, com o apoio dos principais veículos de comunicação, grupos progressistas passaram a ocupar os estádios de futebol com faixas

¹⁷ KFOURI. Ei, Marin, e os 7 a 1?, grifo nosso.

de protesto endereçadas ao presidente interino Michel Temer, como também à Rede Globo de Televisão, considerada por eles como um dos veículos responsáveis pela legitimação do golpe.

No bojo desses acontecimentos, entre os meses de julho e agosto de 2016, Juca Kfourri publicou em sua coluna da *Folha de S. Paulo* um total de 27 crônicas, que abordaram assuntos relacionados aos jogos do Campeonato Brasileiro, Taça Libertadores da América, até mesmo sobre as tensões políticas redimensionadas no campo esportivo.¹⁸ Além de a análise comparativa dos dados extraídos da Copa de 2014 revelar a superioridade do apelo midiático que possui o evento FIFA, a seleção temática feita pelo autor evidencia a centralidade que o futebol assume em suas narrativas: das dezenove crônicas que contemplaram os temas olímpicos, apenas sete delas não abordaram o futebol. Nesses textos, a interpretação do futebol em tempos olímpicos pode ser uma pista de como esse esporte, como nenhum outro, assume a função de metaforizar a alma brasileira, como é possível constatar em “As seleções masculina e feminina precisam acreditar em si”:

Reproduzo aqui o texto de Nelson Rodrigues em que ele cita pela primeira vez o complexo de vira-latas [...]: “A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’. [...] Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade [...] Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários [...] Pois bem: e perdemos da maneira mais abjeta. [...]” Só falta alguém aplaudir a imbecilidade dita agora pelo ministro interino do Esporte, Leonardo Picciani, ao declarar que festa é local impróprio para um jovem nadador americano, já de folga, frequentar.¹⁹

¹⁸ Sobre esse aspecto é emblemática a crônica “Esporte desmontado”.

¹⁹ KFOURI. As seleções masculina e feminina precisam acreditar em si.

Publicada às vésperas das partidas válidas pelas semifinais do torneio olímpico de futebol, a crônica sintetiza, como poucas peças, a forma pela qual o mito da brasilidade assume contornos estruturais na narrativa kfouriana, como que por atavismo do modelo institucionalizado por Gilberto Freyre ainda nos anos de 1930. Impulsionado por finalidades explicitamente didáticas, a recuperação do texto clássico de Nelson Rodrigues retoma o texto de Freyre em uma estratégia que viabiliza a “presentificação do passado”. Assimilam-se na memória coletiva os ingredientes que, supostamente no presente, encorajarão os atletas a lutarem pela nação. Assim como se verifica na crônica de Nelson Rodrigues, o caldo cultural freyriano imputa aos jogadores, agora também às jogadoras, a responsabilidade por dirimir, nos campos de futebol, os dilemas brasileiros. Desprezando todos os parâmetros da historicidade do desenvolvimento esportivo, nos quais a *performance* é definida por critérios objetivos, como o desenvolvimento técnico, os padrões táticos e a preparação física, Kfourri, conhecido por sua “fina objetividade”, de forma ambígua, recorre ao arsenal de atributos essencialistas cultivados pela tradição freyriana. Paradoxalmente, nas linhas finais da crônica, ao criticar o ministro interino dos esportes, vale-se do espaço simbólico da crônica esportiva para dar continuidade à sua luta diária contra os grupos hegemônicos que assumiram o poder.

Considerações finais

[...] Quase o velho “rouba, mas faz” de sempre, mais aceito pela nossa elite do que o “rouba, mas distribui” do PT. É óbvio que do ponto de vista esportivo a Rio-16 foi muito melhor que a Copa, porque, ao invés do 7 a 1, vieram as medalhas de ouro nos dois últimos dias do futebol e do vôlei, fecho emocionalmente brilhante para o ânimo do torcedor.²⁰

Na obra *La gestion des passions politiques*, o sociólogo francês Pierre Ansart observa que, no âmbito das emoções políticas, “[a] gama de nuances emocionais é tão rica e complexa que qualquer classificação

²⁰ KFOURI. Como após Copa, Brasil se autoengana com o sucesso da Olimpíada. (Publicada quatro dias após o encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016.)

é simplista”.²¹ Com efeito, estabelecer aqui rotulações para a crônica kfouriana seria um mero exercício de tautologia, visto que a escolha das temáticas e, por extensão, das estratégias discursivas, é direcionada pela simbiose entre dois tipos de engajamento: o político e o emocional. Ademais, os esforços empregados pelo autor em prol da simplificação das análises sobre o estilo de jogo brasileiro nos sugere que, em situações limite, seu engajamento afetivo de torcedor se sobrepõe ao papel de jornalista crítico. Encorajado pelo “salvo conduto” de “torcedor apaixonado”, o discurso nacionalista kfouriano, embora sempre acomodado em uma roupagem crítica, assume feições conservadoras, uma vez que recorre à constelação de pressupostos essencialistas depositários da tradição freyriana.

Nessa direção, ao listarmos algumas *marcas interpretativas* presentes na cronologia das suas crônicas percebemos que, diante da proximidade das grandes competições esportivas, seu discurso vai perdendo o tônus crítico e adquirindo os contornos do freyrismo popular, prática discursiva hegemônica que ganhou corpo na grande imprensa. Contraditoriamente, ao se desprezar a dimensão afetiva das suas crônicas, Kfoury é considerado um dos mais destemidos e mais respeitados jornalistas investigativos.²² Ao negligenciar a dimensão conservadora do seu pensamento, e superdimensionar o teor crítico dos seus textos denunciativos, as forças homólogas que se concentram entre o campo esportivo e jornalístico produzem os códigos de reconhecimento social do jornalista, pelos quais a ambivalência do seu pensamento passa sorrateiramente despercebida na opinião pública.

Referências

ALENCAR, Carlos. *Juca Kfoury: o militante da notícia*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: Éditions L'Âge d'Homme, 1983.

²¹ “La gamme de ces nuances affectives est si riche et si complexe que toute classification est simplificatrice” (ANSART. *La gestion des passions politiques*, p. 14, tradução nossa).

²² Consultar, a exemplo, a crônica “Não desiste”, com a qual Tostão prefacia a obra *Por que não desisto: futebol, dinheiro e política*, de Kfoury.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2007.

CAMPOS, Flávio de. A Copa da política em um país do futebol. In: MARQUES, José Carlos (Org.). *A Copa das Copas? Reflexões sobre o mundial de futebol de 2014 no Brasil*. São Paulo: Edições Ludens, 2015. Livro digital.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, ESEFID/UFRGS, v. 18, n. 2, p. 41-81, abr.-jun. 2012.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas por reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938. Não paginado.

KFOURI, Juca. As seleções masculina e feminina precisam acreditar em si. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 ago. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2016/08/1803364-as-selecoes-masculina-e-feminina-precisam-acreditar-em-si.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Como após Copa, Brasil se autoengana com o sucesso da Olimpíada. *Folha S. Paulo*, São Paulo, 25 ago. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2016/08/1806660-como-apos-copa-brasil-se-autoengana-com-o-sucesso-da-olimpiada.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Ei, Marin, e os 7 a 1? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1493585-ei-marin-e-o-7-a-1.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Esporte desmontado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 maio 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2016/05/1772744-esporte-desmontado.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Torcer ou não torcer. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/06/1465265-torcer-ou-nao-torcer.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 22, p. 65-83, jun.-ago. 1994. Dossiê futebol.

MARTÍ, Silas. Opinião: na festa de abertura da Copa, prevalece sensação de obra inacabada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1469325-opiniao-na-festa-de-abertura-da-copa-prevalece-sensacao-de-obra-inacabada.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

SILVA, Marcelino Rodrigues. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clasco, 2003.

SOUZA, Jessé. A construção do mito da brasilidade. In: _____. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

TOSTÃO. Não desiste. In: KFOURI, Juca. *Por que não desisto: futebol, dinheiro e política*. Barueri, SP: Disal, 2009.